

Mais dúvidas que certezas sobre o crescimento chinês

Com os países europeus perto de uma recessão e os Estados Unidos diante de um crescimento incerto, boa parte da saúde da economia global depende agora, mais do que nunca, da China. O país cresceu 8,9% no último trimestre de 2011, uma proeza em um mundo conturbado, mas algo menos retumbante diante dos próprios padrões chineses. Foi o pior desempenho desde 2009 e um indicador evidente de desaceleração. Mas os mercados, submetidos a uma dieta forçada de pessimismo, respiraram aliviados, com base em premissas de curto prazo que podem se revelar falsas. O contraste entre a alta das bolsas e os alertas das autoridades chinesas aponta que os riscos de um pouso turbulento da China não estão afastados.

Os dirigentes chineses estão tentando mudar aos poucos o modelo econômico em meio a uma alarmante crise externa. Seus efeitos contracionistas pegaram a China executando um aperto monetário importante para conter uma bolha imobiliária e o avanço da inflação, que no ano chegou a atingir 6,5%. O resultado foi a percepção de que fatores de contenção internos, somados aos externos, podem de fato produzir um desaquiecimento da economia maior do que o programado pelos burocratas chineses. Eles já começaram a agir para impedir isso e a grande incógnita é saber a que velocidade a China vai estacionar agora. Há sinais de que os líderes chineses reduziram suas expectativas (ou dogmas) de que se o ritmo de expansão caísse abaixo dos 8%, aumentariam as chances de insatisfação social no país. O novo piso estaria na faixa de 7% ("Financial Times", 19 de janeiro).

A economia chinesa é movida a alto investimento e baixo consumo. Os investimentos formam uma fatia de 46,5% do Produto Interno Bruto (PIB), e o consumo, outra de 35%. Para um pouso forçado ocorrer seria preciso uma grande queda do investimento, possível, mas pouco provável diante do peso das empresas do Estado. Um dos fatores de freio atual é o investimento imobiliário, que representa 13% do PIB. Contra a febre dos preços provocada pela bolha imobiliária, o governo jogou os depósitos compulsórios dos bancos para 21,5% e elevou os juros sucessivas vezes. Os efeitos do aperto aparecem nos números de dezembro, por exemplo. No mês, só em duas das 70 grandes cidades houve aumento de preços dos imóveis. A venda de imóveis na planta caiu 30%. A área construída de imóveis residenciais recuou 25%. A reversão do ciclo pegou os incorporadores chineses em alto voo, obrigando-os a reduzir seus projetos e a buscar crédito fora do sistema bancário a um custo muito alto, incompatível com as margens declinantes de seus negócios.

Além disso, os investimentos diretos externos recuaram em dezembro pelo segundo mês consecutivo. Declinaram 12,7% no mês, depois de caírem 9,8% em novembro.

A capacidade produtiva vai encolher não apenas porque os investimentos estão caindo, mas também pela redução das exportações, que são um de seus polos de atração. Embora a relação entre exportação e o PIB seja alta na China, a contribuição das exportações líquidas (excluída a importação) é muito pequena. O saldo comercial chinês caiu a US\$ 155 bilhões em 2011, o menor em cinco anos, e houve, pela primeira vez desde a crise asiática de 1998, uma queda de US\$ 20 bilhões nas reservas internacionais em dezembro. A crise europeia pesou nas três balanças: exportação, investimento e remessas para fora do país.

O governo chinês começou a reduzir os depósitos compulsórios e sinaliza disposição de ordenar aos maiores bancos do país que aumentem em 5% seus empréstimos no primeiro trimestre. Estuda-se também a redução do fator de ponderação de risco de crédito para micro, pequenas e médias empresas. São os primeiros passos de um programa de estímulo, que muitos analistas acreditam que ficará muito aquém dos US\$ 565 bilhões despejados em 2008. Essa expansão gigantesca do crédito deixou os bancos chineses com tantos maus empréstimos que os impediria de repetir as ações do passado.

Mas os burocratas desta vez estão inclinados a apostar, até por necessidade, no mercado doméstico. Com isso, a taxa de crescimento do país poderia se manter alta, ainda que inferior aos 9% ou 10% habituais, e as importações, das quais o Brasil tanto depende, não sofreriam um baque. Insistir no modelo vigente no atual cenário levaria a China a uma crise de superprodução e baixo crescimento. A guinada para o mercado interno corrigiria também parte dos desequilíbrios econômicos acumulados ao longo dos últimos 20 anos.